



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO – PICOS
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

NICOLLY GONÇALVES ARAÚJO

UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SINTÁTICA NO LIVRO DE LINGUA PORTUGUESA

PICOS – PIAUÍ

2023

NICOLLY GONÇALVES ARAÚJO

UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SINTÁTICA NO LIVRO DE LINGUA PORTUGUESA

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Barros Araújo, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras/Português.

Orientadora: Prof. Ma. Lilia Brito da Silva

PICOS- PIAUÍ

2023

NICOLLY GONÇALVES ARAÚJO

UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SINTÁTICA NO LIVRO DE LINGUA PORTUGUESA

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Barros Araújo, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras/Português.

Orientadora: Prof. Ma. Lilia Brito da Silva

ARTIGO CIENTÍFICO APRESENTADO EM 17 DE NOVEMBRO DE 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Lilia Brito da Silva
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Orientadora

Prof. Emanuel Pedro Martins Gomes
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Examinador

Profa. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Examinadora

Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe
Verônica Maria e a minha avó Eva Maria.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante essa longa jornada. Agradeço a minha mãe, Verônica Maria Gonçalves e a minha avó, Eva Maria Gonçalves, por sempre terem feito o possível e o impossível para me ajudar e ao meu marido, Carlos Daniel Sousa Dias que desde o começo de tudo me apoio e me ajudou. Agradeço aos meus professores e em especial a minha professora e orientadora Ma. Lilia Brito que com sua calma, paciência e disposição me ajudou na conclusão desta etapa. Obrigada aos meus amigos pelo companheirismo e amizade. Fizeram toda a diferença para suportar todas as dificuldades. Grata aos meus amigos que trabalham comigo no atendimento bancário e em especial a minha querida chefe e amiga, Vânia que sempre me motivou e me ajudou em cada etapa.

UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SINTÁTICA NO LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A STUDY OF SYNTACTIC VARIATION IN PORTUGUESE LANGUAGE BOOKS

Nicolly Gonçalves Araújo¹

Lilia Brito da Silva²

RESUMO: O presente artigo aborda a variação sintática no livro de língua portuguesa. Este estudo avaliou o modo como esta variação é apresentada em dois livros didáticos de língua portuguesa que são manuais do professor. Para este objetivo, escolhemos os livros *Tecendo linguagens - língua portuguesa, 9º ano*, organizado por Tania Amaral e o livro *Geração Alpha Língua Portuguesa: ensino fundamental - anos finais* organizado pelos autores Nogueira; Marchetti; Cleto. Buscamos entender como essa variação é apresentada aos alunos. Como objetivo específico, buscamos discutir o conceito de gramática a partir de uma linha do tempo histórica além de pensar o conceito de variação linguística e analisar a variação sintática. Para isso realizamos uma pesquisa bibliográfica que abrange percurso histórico da gramática, abordando os moldes da variação linguística, até chegar às variações internas da língua com ênfase na variação sintática, amoldando o estudo a pressupostos teóricos de WEINREICH, LABOV, HERZOG (1968), BORTONNI (2014), LABOV (2008), KROCH (1989) e outros.

Palavras chaves: Livro didático; Variação linguística; Análise sintática

ABSTRACT: this article discusses syntactic variation in Portuguese language books. This study evaluated the study of syntactic variation in the books *Tecendo languages - Portuguese language: 9th year*. Organized by Tania Amaral and the book *Geração Alpha Língua Portuguesa: elementary education - final years* organized by the authors Nogueira; Marchetti; Cleto. Portuguese language manuals and sought to understand how it is presented to students. As a specific objective, we seek to discuss the concept of grammar from a historical timeline in addition to thinking about the concept of linguistic variation and analyzing syntactic variation. To this end, a bibliographical research was carried out covering the historical trajectory of grammar, addressing the patterns of linguistic variation, until arriving at the internal variations of the language with an emphasis on syntactic variation, molding the study to the theoretical assumptions of WEINREICH, LABOV, HERZOG (1968), BORTONNI (2014), LABOV (2008), KROCH (1989) and many others.

Keywords: Textbook; Linguistic variation; Syntax analysis

1.INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o conceito dos diferentes tipos de gramáticas e busca analisar como a variação sintática é apresentada no livro didático de língua portuguesa. Para isso, partimos do pressuposto de que a língua não é homogênea e tão pouco estagnada. Ela sofre variações corroboradas por diversos fatores entre os quais o status social, o sexo, o grau de instrução, a profissão, o estilo pessoal, o contexto (formal/informal), a região de origem e vários outros.

O reconhecimento da heterogeneidade linguística é fator fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, dentro da heterogeneidade é possível dimensionar a variação sintática e como ela é apresentada no livro de língua portuguesa. Tendo em vista que na atualidade os livros didáticos já apresentam diversificação de conteúdos para além das nomenclaturas e regras de prescrição da escrita, como a abordagem da variação linguística, por exemplo. Para isso, é preciso considerar o avanço nas pesquisas linguísticas e o desenvolvimento da didática das línguas.

Para que realizemos tal análise, situaremos de antemão alguns pontos fundamentais para desenvolver esta pesquisa. A pesquisa inicia com uma discussão teórica em torno dos diferentes tipos de gramáticas. Partindo inicialmente de seus aspectos históricos e tradicionais abordando também sua base estruturalista e funcionalidade para enfim chegar à centralidade da pesquisa e falar sobre a variação linguística.

Para estudar a variação linguística temos o apoio os estudos pioneiros de Weinreich, Labov e Herzog, publicado em 1968, em relação à questão da mudança linguística colocando em pauta a apresentação dos fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística a partir desta relação de estudo partira-se em direção a variação sintática.

O estudo das variações linguísticas ganha visibilidade com o americano William Labov, na década de 60, com a teoria da Variação e Mudança Linguística. Tais estudos se aportam em ideias e pressupostos teóricos que comprovam a regularidade e a sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procurando assim demonstrar como as variantes se implementam na língua ou desaparecem.

Com isso, buscamos compreender a necessidade de se discutir mais esse tipo de problemática como forma de buscar entender como são trabalhados os conteúdos de variação sintática dentro do livro didático. Questionamos se os livros atendem às necessidades e se na apresentação de seus conteúdos a variação linguística em especial os conteúdos de variação sintática são apresentados de maneira clara e objetiva ao aluno. Para isso, utilizamos as obras de WEINREICH, LABOV, HERZOG (2006), BORTONNI (2014), LABOV (2008), KROCH (1989). Além de uma base bibliográfica como artigos científicos, teses, e muitos outros trabalhos.

Em torno da metodologia de pesquisa, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. Esta ajuda a compreender os conceitos, as teorias e as metodologias abordadas no livro didático. Aquela é um tipo de estudo que se concentra na revisão e análise crítica de literatura existente sobre um tópico específico. Utilizamos como corpus de análise os livros didáticos de língua portuguesa Tecendo linguagens - língua portuguesa, 9º ano, organizado por Tania Amaral e o livro Geração Alpha Língua Portuguesa: ensino fundamental - anos finais organizado pelos autores Nogueira; Marchetti; Cleto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A gramática

Nos estudos da linguagem ao longo da história sabe-se que a mesma está presente em toda parte, aflorando em nossos pensamentos e mediando nossas relações com os outros. Esta possui um trajeto longínquo, ainda que a ciência que se ocupa em estudá-la tenha se estruturado como área de conhecimento autônoma e independente apenas na metade do século XX.

Nas sociedades primitivas, os estudos da linguagem são inexistentes. Embora já se possuíam comunidades de fala desde os primórdios da humanidade. Ao perpassar da história e à medida que as sociedades vão evoluindo e tornando-se mais complexas, surgiram condições favoráveis para o estudo da linguagem, sobretudo a partir da invenção da escrita vislumbrando a percepção dos diferentes fenômenos linguísticos. A tradição da gramática no ocidente remonta aos gregos da Grécia Antiga e em virtude da “natureza filosófica de seus estudos e da força do Estudo do Certo e

do Errado, nasceu na Grécia a gramática no sentido que mantém até hoje” (Saussure, 2001, p.22).

Saussure (2001) aborda as consonâncias de seu surgimento no mundo ocidental premissas deste surgimento acontecem no mundo grego que se encontrava sob o domínio da Macedônia, seu dominador, Alexandre, não impediu que a forte influência cultural de seu império predominasse nos territórios por ele conquistados. As marcas deste período que, ficou conhecido como época helenística, se estendeu a toda região do Mediterrâneo Oriental e do Oriente Próximo.

A gramática comparativa surge primeiro e desenvolveu-se principalmente no século XIX, tendo como objetivo estudar as línguas indo-europeias e traçar relações entre elas. Neste contexto, linguistas como Franz Bopp e Jacob Grimm compararam as línguas para entender suas origens comuns. O próprio nome é bastante sugestivo e que remete a sua zona de interesse, que é justamente fazer comparações relacionadas tanto à evolução como a formação da gramática de dois idiomas que tenham uma mesma origem.

A exemplo disso, pode-se citar estudos que fazem comparação entre o português brasileiro e o espanhol. Ainda de acordo com Saussure (1975), essa terceira fase conhecida como gramática comparada, decorreu da segunda fase quando se notou a possibilidade de comparar as línguas. E dessa forma “esclarecer uma língua por meio da outra, explicar formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito” (SAUSSURE, 2001, p. 8).

Com efeito e após essa primeira fase da gramática intitulada de gramática comparativa, surge no início do século XX a Gramática Estruturalista e tem os estudos saussurianos como base e concentrou-se na análise da estrutura das línguas, incluindo a fonologia e a sintaxe. A ênfase estava na estrutura interna das línguas e na busca de padrões abstratos, se pensa mais na estrutura e nas relações entre elementos linguísticos. Ele argumentou que a linguagem é um sistema de signos, e a gramática estrutural aborda a organização e a interconexão de elementos linguísticos, incluindo a sintaxe e a morfologia.

Para Saussure (2001), a língua é um sistema de signos. Assim, para entender o estruturalismo é necessário entender suas dicotomias. Pode-se definir dicotomias como ideias independentes e opostas, mas que se completam. Dentro desse conceito dicotômico, existem quatro conceitos, como significado e significante, o primeiro está relacionado ao conceito do objeto/coisa ou pessoa, já o significante é a imagem

acústica que temos desse mesmo elemento, esse processamento é feito no nosso cérebro. Essa dicotomia se materializa a partir do momento da fala. Com a junção do significado e do significante temos o que Saussure chama de signo linguístico.

Gramática Gerativa surge no meio do século XX, Noam Chomsky introduziu seu principal pensador, que se concentrou na teoria da sintaxe. Ele propôs a ideia de uma gramática inata no cérebro humano que permitiria a aquisição de qualquer língua. A gramática gerativa influenciou significativamente o campo da linguística teórica.

Tendo assim teve um impacto significativo no campo da linguística e influenciou áreas como a psicologia cognitiva, a aquisição de linguagem e a teoria da comunicação. Ela forneceu uma estrutura teórica poderosa para analisar a estrutura das línguas e a capacidade inata dos seres humanos de adquirir e usar linguagem. A partir da década de 1950, com o surgimento da gramática gerativa, traz mudanças para as teorias linguísticas, entre elas destacamos a influência direta da linguística norte-americana de Bloomfield, descritiva, fundada na generalização indutiva, para uma prática científica vista como construção de modelos teórico-dedutivos. De acordo com Faraco (2005), é na preocupação com a aquisição de linguagem que podemos perceber uma das bases da teoria gerativa: o inatismo. Para os gerativistas, o inatismo é a hipótese de que existe um componente biológico (interno ao falante) que faz com que as crianças dominem mecanismos estruturais de uma língua

A Gramática Normativa prescreve e estabelece as regras e as normas para o uso "correto" da língua e é frequentemente ensinada nas escolas. A gramática normativa concentra-se na prescrição do que é considerado gramaticalmente apropriado. Usualmente a mais reconhecida e valorizada pela sociedade, ela está diretamente ligada a ideia do que seja "certo" ou "errado" na escrita ou na fala, dela surge a noção de "padrão gramatical".

Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito. (SAUSSURE, 2001, p. 7)

Apesar das mudanças suscetíveis da evolução humana sabe-se que a gramática normativa, ainda hoje, é a mais valorizada tanto na esfera escolar quanto na

acadêmica, bem como na sociedade como um todo, tendo em vista que o seu ensino e uso perpassam todos os períodos após o seu conhecimento.

Por outro lado, a *gramática descritiva* o interesse está voltado para a língua em seu uso efetivo. Essa gramática também é conhecida como sincrônica - um entendimento das dicotomias de Saussure (2001) - que está relacionado ao estudo de aspectos de um determinado momento. É importante ressaltar que a *gramática descritiva* não leva em consideração as regras estabelecidas pela *gramática normativa*, visto que o seu maior interesse é entender a estrutura da língua, levando em consideração as variedades linguísticas durante o uso.

Em resumo, a história da gramática é uma narrativa dinâmica e contínua, marcada por uma constante adaptação às necessidades e características das comunidades linguísticas ao redor do mundo. É um testemunho da natureza viva e flexível da linguagem, sempre moldada e remodelada pelo tempo e pelo uso.

2.2 Variação linguística

Como já foi mencionado anteriormente, o estruturalismo é uma abordagem na linguística que se originou no início do século XX, com destaque para o trabalho de Ferdinand de Saussure, um linguista suíço. Essa abordagem desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da linguística moderna e influenciou várias disciplinas relacionadas, incluindo a antropologia, a psicologia e a filosofia da linguagem. A corrente estruturalista de Saussure não estava interessada em tratar da fala, mas sim e somente da língua, do sistema linguístico desenvolvido em determinada sociedade. Além de Saussure com o estruturalismo europeu, existiam outros teóricos que também abordaram o estudo da língua da mesma forma, ou seja, deixando de lado os aspectos extralinguísticos (fatores contextuais), como é o caso de Noam Chomsky com a teoria do gerativismo e o seu conceito de competência. Assim, surge a necessidade de uma abordagem que levasse em consideração a língua e o sujeito falante, como a sociolinguística que é contrária aos pensamentos estruturalistas e gerativistas. Leva em consideração a fala em uso.

Como vimos, tanto a abordagem estruturalista como a gerativista consideram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. É como uma reação a essas duas correntes que a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos na década de 1960. (COELHO *et alli*, 2012, p. 14)

De acordo com Oliveira (2017, p. 4), "o termo Sociolinguística surgiu em meados dos anos de 1960, em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia (Los Angeles)". Assim, com o surgimento da sociolinguística pode-se dizer que, essa linha teórica tem como base a fala - como já mencionado - em uso, levando em consideração, assim, todos os fatores extralinguísticos, como o contexto social, esse tido como fator de grande influência na construção do falante. Nesse cenário, que pode ser reconhecido como seminal da sociolinguística, William Labov é tido como um ícone dessa área de conhecimento. Nesse âmbito, Coelho *et alli* (2012), destacam que Labov critica as teorias desenvolvidas por Saussure e Chomsky. Na perspectiva de Saussure, ele critica o fato das divisões dicotômicas realizadas por ele, bem como o desprezo relacionado aos fatores sociais. "Em última instância, Labov posiciona-se contra a primazia dos estudos imanentes da língua." (COELHO *et alli*, 2012, p. 21)

Ainda de acordo com Coelho (2012), na perspectiva de Chomsky, Labov critica, principalmente, a noção de língua como comunidade abstrata e homogênea, tendo o que se chama de "falante e ouvinte ideal". Para Labov "não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado." (COELHO *et alli*, 2012, p. 22) Ainda em relação a visão estrutural e gerativista dos estudos da língua, Oliveira (2017, p. 5), destaca que

Desvincular o contexto social do contexto de uso da língua é dar a ela um tratamento mecânico, desligado da realidade dos indivíduos que a manejam. Aliás, não seria possível dispensar um tratamento social à língua, tal como se propõe a Sociolinguística, já que a língua é construída ininterruptamente pela coletividade.

Nesse âmbito, Labov produziu diversos trabalhos que tratam da variedade linguística, dentre esses trabalhos, destaca-se a teoria variacionista. Nessa teoria, Labov apresenta de que forma os aspectos sociais, sexo e idade etc. Influencia o sujeito no ato da fala. Dessa forma, Coelho *et alli* (2012, p. 22), destaca que "o ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. [...] do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala."

Em relação às mudanças linguísticas, Labov (2008), diz que:

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação e dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, p. 19 - 20)

Um ponto interessante, que foi descrito na citação acima, em relação aos estudos das variações linguísticas, é que elas apresentam uma regularidade, ou seja, existe uma regularidade na mudança, e é justamente devido esse ponto que foi e é possível a realização de estudos. Quebra-se a ideia de que a fala é um caos, assim como era descrita por Saussure. A fala se mostra como um objeto apreensível e observacional. Nesse sentido, Coelho *et alli* (2012, p. 23 - 24) destacam que "uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas."

Tratar dos estudos de Labov é grande importância e relevância, ainda atualmente, pelo simples fato de que neles é levado em consideração aspectos deixados de lado e que são tão pertinentes para os estudos da linguagem quanto o estudo estrutural e gerativista de um sistema linguístico. Contudo, o objeto de estudo da sociolinguística é o fala em situações reais de comunicação. A sociolinguística se detém em analisar e descrever a fala em seu contexto diário e comunidade linguística. Ainda acerca da teoria variacionista abordado por Labov, é importante destacar às variedades linguísticas, essas podem ser observadas através de distintas variações, como a variação decorrente da região, sexo, idade, situação financeiras dentre outros aspectos.

Retornado ao que foi descrito no capítulo anterior sobre as áreas de conhecimento da gramática, agora sob a perspectiva variacionista da sociolinguística, Mollica (2003, p. 9), destaca que:

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

A autora ainda destaca que o português brasileiro é repleto de exemplos pertinentes ao estudo variacionista. Apresenta exemplos, como vocábulos utilizados em determinadas regiões, como o uso do pronome de tratamento “tu” mais recorrente na região sul do país. Outra característica observável é a falta de concordância verbal e nominal em algumas construções enunciativas. No texto a autora ainda apresenta outros exemplos e destaca que a sociolinguística “parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes.” (MOLLICA, 2003, p. 10)

Interessados na heterogeneidade da língua, os sociolinguistas buscam entender os fatores de influência das variedades linguísticas. Nesse sentido, é importante destacar quatro variedades extralinguísticas mais recorrentes nos estudos sociolinguísticos. Assim, “o caráter heterogêneo do sistema linguístico é produto, portanto, de duas ou mais formas em variação [...] que se alternam de acordo com condicionadores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos). (COELHO *et alli*, 2012, p. 47) Ainda de acordo com Coelho *et alli* (2012), esses condicionadores podem agir de duas formas distintas, motivando ou restringindo. Em relação às variáveis extralinguísticas, Nascimento e Vasconcelos (2012, p. 5), apontam que

As variações existem e são resultantes da influência de valores extralinguísticos. Algumas estão mais sujeitas ao preconceito linguístico, uma vez que estão associadas a certos grupos sociais, como o caipira, o nordestino, pessoas que em algum momento da história foram segregadas da sociedade. As variações ocorrem de acordo com alguns componentes como, por exemplo, relação histórica, regional, social e situacional.

Dentre as variações de caráter extralinguístico, tem-se variação histórica, essa é observável durante determinado período ou ao longo do tempo. De acordo com Coelho *et alli* (2010, p. 13), “a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico.” A segunda, ligada ao regionalismo, é conhecida como diatópica, essa variação “também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala.” (COELHO *et alli*, 2012, p. 76) Já a diafásica ou estilística o determinante da fala é a situação interacional onde o sujeito falante está inserido. “Basta pensarmos que a maneira como falamos em casa, com nossa família, não é a mesma como falamos em nosso emprego, com nosso chefe. (COELHO *et alli*, 2012 p. 81 - 82)

Ainda nessa perspectiva extralinguística, temos ainda a variação diastrática ou social, que tem relação com grupos sociais. Assim, "os principais fatores sociais que condicionam a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes." (COELHO *et alli*, 2012, p. 78) Comumente, as variações sociais e estilísticas são confundidas entre si, no entanto, apesar do nível de aparência elas se diferem, enquanto uma tem relação com a situação comunicacional a outra está ligada diretamente ao grupo social, ou seja, sua comunidade de fala. Contudo, na próxima seção será tratado a respeito dos fatores de variação internos da língua.

2.3 Variações internas na linguística

Os condicionadores internos da linguística influenciam a estrutura e a forma da língua a partir de dentro do próprio sistema linguístico. Estes condicionadores internos são essenciais para entender a forma como as línguas funcionam e evoluem, no entanto, observa os fenômenos variacionais sob outra perspectiva, ou seja, sob a abordagem do estudo a respeito dos diferentes níveis linguísticos. Dentre esse nível estão as variações: lexical, fonológica, morfológica a sintaxe. Em relação a variação lexical " as maiores contribuições têm sido oferecidas a partir de estudos geolinguísticos de diferentes regiões do Brasil" (COELHO, *et alli*, 2012, p, 51).

À grosso modo, esse tipo de variação está relacionado ao fato de uma mesma ideia ou conceito ser expressa por diferentes palavras. A título de exemplo, Gonzalez (2013) aborda o conceito de fruta tangerina e bergamota; menino e guri etc. Essas podem ocorrer em distintas regiões, mas isso não exclui a possibilidade de uma mesma região apresentar variações.

Outro tipo de variação é a fonológica, relacionada aos sons, diz respeito às diferenças existentes durante a pronúncia de algumas palavras. Assim, "vários estudos de Sociolinguística atestam variação fonológica em diversos fenômenos do português do Brasil." (COELHO *et alli*, 2012, p.51) Como exemplo, pode-se citar a ausência do "r" em algumas palavras: radar = radá.

A variação morfológica, é considerada a variação mais sutil e difícil de identificar visto que nela aparecem formas diferentes usadas para a mesma função. Contudo, "a variação morfológica é, em sua maioria, um caso de variação morfofonológica ou morfossintática." (COELHO *et alli*, 2012, p. 60). Por fim, temos a

variação sintática, âmbito de interesse da presente pesquisa. Essa variação diz respeito às diferenças existentes na estrutura de um enunciado, na ordem dos elementos constituintes de uma frase. A troca está ligada ao Sujeito e Verbo e Verbo Sujeito, também muito relacionado a posição do objeto direto e o indireto.

Nesse cenário, Coelho *et alli* (2012, p. 60), destacam que

Muitos condicionadores linguísticos se mostraram relevantes nesses estudos. Alguns de natureza sintática, como o preenchimento do sujeito, por exemplo. Tanto resultados de trabalhos sobre a alternância entre nós e a gente como resultados sobre a alternância entre tu e você mostram que os pronomes a gente e você, por se combinarem com verbos na terceira pessoa do singular (a gente foi e você foi), tendem a aparecer com sujeito preenchido, enquanto pronomes nós e tu, quando carregam a marca morfêmica de primeira pessoa do plural e segunda pessoa do singular, respectivamente, vêm preferencialmente com sujeitos nulos.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2014, p. 74), destaca que "a mudança linguística pode dar-se em qualquer nível, na fonologia, na morfossintaxe, no léxico etc." Ademais, é importante ressaltar que os condicionadores se mostram de grande relevância para os estudos linguísticos, uma vez que são através deles que é possível ser feito a observação e posteriormente o estudo de fato. Na próxima subseção será abordada a variação sintática de forma mais direcionada e conseqüentemente de fácil entendimento.

2.3.1 Variação sintática

Como já mencionado anteriormente, a variação sintática está dentro do que se chama de condicionadores internos ao sistema linguísticos. A variação sintática corresponde às diferenças estruturais de um enunciado. Essas diferenças dizem respeito a ordem dos elementos desta variação. "A variação na sintaxe, aqui no Brasil, tem sido estudada, em geral, com a adoção de um outro quadro teórico, além do quadro da Teoria da Variação e Mudança para explicar as hipóteses internas à língua." (COELHO *et alli*, 2012, p. 61). Assim, os estudos sintáticos brasileiros tiveram como base a teoria gerativista ou a de base funcionalista, ainda de acordo com Coelho (2012). Contudo,

Os estudos que articulam dois quadros teóricos aparentemente conflitantes – de um lado, os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e, de outro lado, os pressupostos da teoria gerativa – foram inaugurados na década de 80

por Fernando Tarallo e Mary Kato, com trabalhos sobre o preenchimento do sujeito pronominal, a ordem do sujeito em relação ao verbo, a posição do clítico, o objeto nulo, as diferentes estratégias de relativização, entre outros. Muitos desses trabalhos apontam para o século XIX como um marco no processo de implementação de mudanças sintáticas que distanciam, significativamente, a sintaxe do português contemporâneo d'aquém e d'além-mar. (COELHO et alli, 2012, p. 62)

Apesar de muitas vezes essas duas correntes de pensamento serem consideradas como "conflitantes" é razoável pensar que esse tipo de pensamento seja, no mínimo, irrelevante. Uma vez que temos como objeto de análise um único elemento, que é a fala. Acredita-se que essa ideia ainda faz parte do pensamento estritamente estrutural que sobrevive até os dias atuais. No entanto, hoje em dia sabemos que é possível trabalhar essas teorias conjuntamente, levando em consideração, é claro os limites de cada uma.

Ademais, dentre outros fenômenos sintáticos existentes podemos analisar o caso do "fenômeno de variação na sintaxe que tem levantado muitos questionamentos é a posição do clítico em relação ao verbo, ilustrada nos exemplos: Eu vi-**o** no cinema/Eu **o** vi no cinema." (COELHO et alli, 2012, p. 63).

Em análise, Coelho (2012) destaca que no primeiro caso ocorre o que se chama de ênclise, ou seja, o pronome pessoal está depois do verbo. E o segundo exemplo, trata-se de uma próclise, pois o pronome está antes do verbo. Esse tipo de mudança estrutural é uma das mais visíveis em quesito de variação interna da língua. Outra variação recorrente, e bastante polêmica, são as construções linguísticas passivas sintéticas, essa ligada a concordância verbal, de acordo com Coelho et alli (2012).

As construções mais vistas são: *vendem-se casas e vende-se casa*. Esses mesmos exemplos foram utilizados por Coelho et alli (2012) para tratar do tema. Ademais, Coelho et alli (2012, p. 63), destaca que "de todas as mudanças por que passa o português do Brasil atual, talvez essa seja a mais polêmica. Diferentemente do que dizem as gramáticas normativas tradicionais." Os exemplos citados anteriormente "tentam mostrar que, na verdade, essas construções são atualmente interpretadas como sendo um contexto de indeterminação do sujeito." (COELHO et alli, 2012, p. 63).

Ainda no mesmo direcionamento, a análise sintática numa dada abordagem deve ser abrangente entre outros aspectos aos de criar condições para que os alunos da educação básica realmente se vejam como produtores e autores da análise

sintática, desta forma sugere-se que ao trabalhar as atividades do livro didático o professor valorize, junto aos alunos, as tarefas de julgamentos de gramaticalidade – expediente metodológico típico da investigação e assim coincidir o ensino aprendizagem. Diante disso, pode-se perceber como é o ensino a partir da análise linguística. Mendonça (2006, p. 207) sintetiza alguns elementos que distinguem o ensino de gramática tradicional da prática de análise linguística.

Quadro 1: sínteses e distinções da gramática tradicional da prática de análise linguística

ENSINO DE GRAMÁTICA	PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA
Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita a interferências dos falantes
Fragmentação entre eixos de ensino: as aulas de gramática não relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.	Integração entre os eixos de ensino: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos
Metodologia Transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/ regras).
Privilégio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordando isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade na norma padrão.	Centralidade dos efeitos de sentido.
Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos contextos de interação verbal.	Fusão com o trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.

Unidades privilegiadas: a palavra, a frase e o período	Unidade privilegiada: o texto.
Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificação de unidades/funções morfosintáticas e correção.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Fonte: Mendonça (2006, p. 207)

Ao retomar o quadro sintetizado por Mendonça (2006), observa-se que as atividades de análise linguística tendem a desafiar o aluno à investigação, nas atividades de análise sintática é importante destacar que estas levam o aluno a uma reflexão sobre a língua. Ou seja, a variação sintática se refere a diferentes maneiras pelas quais as palavras, frases e orações podem ser organizadas em uma língua para transmitir significado. Ela é uma característica importante da linguagem, pois permite que os falantes expressem ideias de várias maneiras. A variação sintática pode ocorrer devido a várias razões, incluindo diferenças regionais, estilísticas e contextuais. Estes estudos vão de encontro as teorias de variação sintática de Labov (2008)

A variação sintática é uma característica comum na língua portuguesa, Coelho (2012) aponta que esta é estudada de um modo geral, ou seja, é passível de encontrá-la em uma ampla variedade de textos, incluindo livros de literatura e gramática. A variação sintática ocorre quando diferentes construções sintáticas são usadas para expressar as mesmas ideias, ou seja, há flexibilidade na maneira como as palavras, frases e orações podem ser organizadas. No módulo seguinte de análise do corpus a abordagem destas variações dentro do livro de Língua Portuguesa do ensino fundamental serão mais explícitas.

3. ANÁLISE SINTÁTICA DOS LIVROS DIDATICOS

3.1 Análise do livro Tecendo linguagens - língua portuguesa, 9º ano

O primeiro livro didático utilizado é o Tecendo linguagens - língua portuguesa, 9º ano. Organizado pela autora Tania Amaral. O manual é composto por indicações de práticas na sala de aula em consonância com as relações, as competências e as habilidades da BNCC. O livro apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos

que fundamentam as indicações das práticas didáticas dessa coleção, textos complementares e indicações de leitura para o profissional da educação.

A autora afirma que o livro didático do 9º ano, trabalha os conteúdos de análise linguística e semiótica, contudo, não fica explícito como estes são abordados no mesmo, tendo em vista que não há capítulos ou unidades que especifiquem tal apresentação.

Desta forma, este estudo faz uma análise a partir da exposição dos conteúdos, na Unidade 2, intitulada “Vida de Adolescente”, a partir do capítulo 4, com o título “Outras paixões outras linguagens”, no subitem “Aplicando Conhecimentos”, na página 116. A tirinha é utilizada com o objetivo de ensinar sobre o verbo, contudo, observa-se que a variação sintática pode ser percebida nas questões.

Imagem 1: Tirinha e exercícios

- VTD = pôr visto / mirar / apontar.
- VTI = desejar / ambicionar – exige a preposição **a**.

APLICANDO CONHECIMENTOS

1. Leia a tirinha a seguir.

TV: A FONTE DA DISCÓRDIA...

SANTOS, Cibele. TV: a fonte da discórdia. Disponível em: <https://bit.ly/2RfOdgD>. Acesso em: 29 set. 2018.

A disputa do casal que, quando tinha apenas uma televisão, discutia o direito de ver o seu programa favorito e, quando comprou mais uma TV, passou a disputar o local, querendo cada um assistir à televisão no quarto, deitado na cama.

a) O que a situação retratada nos quadrinhos traz de engraçado?

b) Qual é a crítica implícita nessa tirinha?
O vício pela televisão é tão grande nesse casal que a sua vida parece girar em torno dela.

3

- c) No primeiro quadrinho, qual o sentido do verbo *ver*?
Ver no primeiro quadrinho tem o sentido de *assistir*.
- d) É possível observar que o verbo *assistir* não foi empregado conforme prevê a norma-padrão, ou seja, foi empregado sem a preposição “a”.
- e) Em relação à regência do verbo *assistir*, o que é possível observar no terceiro quadrinho?

Fonte: OLIVEIRA, ARAÚJO, (2018, p.116-117)

Na seção, é utilizada a tirinha, um gênero textual que desperta a curiosidade do aluno. No exemplo da figura 1, a primeira questão da atividade versa sobre a

regência verbal. Logo, é importante observar que a regência verbal do verbo "ver" é direta, sem a necessidade de preposições. Nesse caso, "a novela" funciona como objeto direto, e "quero" é um verbo transitivo direto, pois não exige preposição para ligar ao seu objeto. Portanto, a estrutura da frase é simples: Quero (verbo transitivo direto) + ver (verbo transitivo direto) + a novela (objeto direto). Essa construção indica a ação de querer algo, neste caso, a ação de querer assistir ou observar a novela. Deste modo, o professor pode fazer o aluno refletir sobre a variação sintática na regência do verbo, pois, os falantes não fazem uso adequado da regência conforme a gramática pede. Discutir a regência verbal permite ao professor fazer o aluno pensar a variação sintática, pois no dia a dia, a grande maioria dos falantes da língua portuguesa não realizam a regência verbal como é exigida pela gramática.

A tirinha traz um casal discutindo sobre o que será assistido. Em um primeiro momento a mulher usa a regência da forma como é colocada na gramática normativa, mas na mesma tirinha, em outro momento, quando utiliza o verbo assistir, ela não segue o uso da gramática padrão. O professor pode aproveitar esse fato para questionar se o emprego da regência, realizado pela esposa, prejudicou ou não o entendimento do marido? Os alunos realizam qual uso da regência? São questões importantes para discutir. Porém, o livro didático perde a oportunidade de utilizar os conteúdos da gramática para discutir essas questões.

Analisamos também a Unidade 4, intitulada "Tempo de Pensar: Informação e Escolhas", capítulo 7º, com o título "Informar-se para conhecer", no subitem "Colocação Pronominal", na página 224. O objetivo do livro é apresentar uma análise para que se realize a sistematização das discussões que são abordadas a fim de que os alunos se apropriem dos conceitos sem necessidade de assimilar regras de colocação pronominal.

Imagem 2: Variação Pronominal

REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA

Colocação pronominal

Nesta seção, vamos refletir sobre a colocação dos pronomes nas frases, conforme determinado pela língua padrão e no uso corrente do português brasileiro coloquial.

1. Leia o trecho abaixo, transcrito do texto "O segredo para escolher bem uma carreira é o autoconhecimento".

Para quem quer iniciar esse processo sozinho, uma sugestão é fazer uma lista de coisas de que gosta e outra de coisas de que não gosta. Escreva sobre quem você é e sua trajetória de vida, explicando com o que se identifica ou não. Colocar no papel pode ajudá-lo a visualizar seu perfil no mundo.

- a) Que pronome foi omitido na frase "uma sugestão é fazer uma lista de coisas de que gosta e outra de coisas de que não gosta"? *O pronome você.*
- b) Como você conseguiu identificar esse pronome? *Resposta possível: Pela terminação da forma verbal "gosta".*

223

da resolução das questões propostas, mesmo que apresentem diferenças de ritmo na aprendizagem do conteúdo em estudo. Responda às dúvidas que apresentarem nesse momento e, depois, coletivamente, organize a discussão em torno de cada uma das questões e dos conceitos estudados. Realize sempre a sistematização das discussões que fizer a fim de que os alunos se apropriem dos conceitos sem necessidade de assimilar regras de colocação pronominal, uma vez que tal assimilação acontecerá de forma progressiva e em várias etapas da aprendizagem.

- a) Transcreva os pronomes do caso reto e os do caso oblíquo presentes nesse trecho.
Pronomes do caso reto: Eu, eu, eu, Eu. Pronome do caso oblíquo: me.
- b) Considerando a extensão da resposta dada à pergunta "O senhor viveu isso na sua época?", seria possível suprimir em alguma das frases o pronome que se repete por quatro vezes? Dê sua opinião. *Resposta pessoal.*

Pronomes pessoais do caso reto:

Eu – 1ª pessoa do singular
Tu – 2ª pessoa do singular
Ele – 3ª pessoa do singular

Nós – 1ª pessoa do plural
Vós – 2ª pessoa do plural
Eles – 3ª pessoa do plural

Pronomes pessoais do caso oblíquo:

Me, mim, comigo – 1ª pessoa do singular
Te, ti, contigo – 2ª pessoa do singular
Se, si, consigo, o, a, lhe – 3ª pessoa do singular
Nos, conosco – 1ª pessoa do plural
Vos, convosco – 2ª pessoa do plural
Se, si, consigo, os, as, lhes – 3ª pessoa do plural

- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as**, quando vêm ligados a uma forma verbal terminada por **r, s, z**, assumem as formas **lo, la, los, las**:

posso levar-o → posso levá-lo
levamos-a → levamo-la
fiz-a → fi-la

- Quando a forma verbal termina em **m, ão, ãe**, recebe as formas pronominais **no, na, nos, nas**:

pegaram-o → pegaram-no
dão-os → dão-nos
supõe-a → supõe-na

224

Fonte: OLIVEIRA, ARAÚJO, (2018, p.223-1224)

Nesta seção, a autora faz o aluno pensar sobre a colocação pronominal na língua portuguesa. O livro didático foca na norma padrão da língua portuguesa, Como

exemplo, observamos o uso do pronome "você". O trecho a seguir, faz parte do assunto de colocação pronominal, estando presente na primeira questão da atividade apresentada por OLIVEIRA, ARAÚJO, (2018, p.223-1224). A autora apresenta o seguinte exemplo.

“Para quem quer iniciar esse processo sozinho, uma sugestão é fazer uma lista de coisas de que gosta e outra de coisas que não gosta. Escreva sobre quem você é e sua trajetória de vida explicando com o que se identifica ou não. Colocar no papel pode ajudá-lo a visualizar seu perfil do mundo.”

O livro mais uma vez preocupa-se apenas com a norma padrão e perde a oportunidade de realizar uma discussão sobre os pronomes tu e você. Os autores do livro podem utilizar esse exemplo para discutir variação sintática e mostrar como as formas de comunicação variam, conforme o propósito comunicativo e em uma situação informal em que haja a compreensão entre locutor e interlocutor, essa variação, embora seja considerada incorreta pela gramática normativa, pode ser trabalhada pelo professor com o propósito de ensinar as variações pronominais de forma adequada.

O livro *Tecendo linguagens - língua portuguesa, 9º ano*. Organizado pela autora Tania Amaral direcionada para os anos finais do ensino fundamental, foi uma das obras aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) devido ao seu atendimento às diversas exigências do Ministério da Educação (MEC), incluindo aquelas relacionadas às necessidades e orientações estabelecidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O Guia de análise avaliou essa coleção como contextualizada, uma vez que ela adota uma abordagem que utiliza textos dinâmicos para explorar questões sociais relevantes. No entanto, a análise do Guia apontou que a coleção demonstra um viés mais tradicional no que diz respeito à atenção dada aos termos metalinguísticos e aos conceitos da gramática normativa, o que foi identificado como um ponto negativo nesta pesquisa (BRASIL, 2020). Contudo, percebemos que o livro estudado como muitos outros perde a oportunidade de discutir a sintaxe da língua portuguesa e, ainda assim apresentar aos alunos a variação das formas sintáticas.

3.2 Análise do Livro Geração Alpha Língua Portuguesa: ensino fundamental - anos finais

O segundo livro didático utilizado é livro didático *Geração Alpha Língua Portuguesa: ensino fundamental - anos finais* (NOGUEIRA; MARCHETTI; CLETO, 2018). Este livro é composto por indicações de práticas na sala de aula em consonância com as relações com as competências e habilidades da BNCC. Os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam as indicações das práticas didáticas dessa coleção, textos complementares e indicações de leitura para o profissional da educação.

No livro didático do 9º ano *Geração Alpha Língua Portuguesa: ensino fundamental - anos finais*, é trabalhado a questão da variação linguística. Com isso analisou-se na Unidade seis intitulada “Artigo de Opinião e Lei”, capítulo 2º com o título “Palavras que viram lei” no subitem “Língua e estudo: colocação pronominal”, na página 212. O objetivo é traçado em ensinar a colocação pronominal, além de fazer os estudantes compreenderem o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de suas variedades e rejeitando preconceitos linguísticos ligados ao uso da colocação pronominal.

Imagem 3: Língua e estudo

DE OLHO NA BASE

Competência específica de Língua Portuguesa (CELP04) Com a leitura e as atividades propostas, a seção visa levar os estudantes a compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando a atitude respeitosa diante de suas variedades e rejeitando preconceitos linguísticos ligados ao uso da colocação pronominal.

Habilidade (EF09LP10) Essa seção possibilita aos estudantes comparar as regras de colocação pronominal de acordo com a norma-padrão e com o seu uso no registro informal da língua falada.

LÍNGUA EM ESTUDO

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

1. Leia a seguir o artigo 20, Seção III, do Marco Civil da Internet.

Art. 20. Sempre que tiver informações de contato do usuário diretamente responsável pelo conteúdo a que se refere o art. 19, caberá ao provedor de aplicações de internet comunicar-lhe os motivos e informações relativos à indisponibilização de conteúdo, com informações que permitam o contraditório e a ampla defesa em juízo, salvo expressa proibição legal ou expressa determinação judicial fundamentada em contrário.

Lei nº 12.965, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 14 abr. 2022.

a) O artigo dispõe sobre qual responsabilidade?
b) Que termo o pronome pessoal oblíquo em destaque retoma?
c) Nesse período, o pronome oblíquo identificado exerce que função sintática?

Observe que, nesse trecho, o pronome *lhe* foi colocado depois do verbo. A colocação dos pronomes na frase segue determinadas regras, das quais trataremos a seguir. Antes, porém, recorde a classificação dos pronomes pessoais.

	PRONOMES PESSOAIS	
	RETOS	OBLÍQUOS
1ª pessoa do singular	eu	mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	si, consigo
1ª pessoa do plural	nós	conosco
2ª pessoa do plural	vós	convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	si, consigo

Os pronomes pessoais do caso reto exercem na oração a função de sujeito ou de predicativo do sujeito. Os pronomes pessoais oblíquos cumprem o papel de objeto direto, objeto indireto ou complemento nominal. Os pronomes pessoais oblíquos podem ser **tônicos** ou **átonos**, conforme a tonicidade de sua pronúncia.

RELACIONANDO

Ônibus legais e normativos, como leis, estatutos, códigos e regimentos são escritos em registro formal. Assim, a colocação pronominal nesses textos deve estar de acordo com a norma-padrão.

ANOTE-SE

A expressão colocação pronominal se refere às três posições que os pronomes pessoais oblíquos átonos podem ocupar, em uma frase, em relação ao verbo.

- Na **ênclise**, o pronome aparece depois do verbo. Exemplo: “O jovem desviou-se da lei”.
- Na **próclise**, o pronome vem antes do verbo. Exemplo: “O jovem não se conformou com a sentença imposta pelo juiz”.
- Na **mesóclise**, o pronome fica intercalado no verbo. Exemplo: “Recuperar-se-ia o mais rápido possível das ofensas sofridas via internet”.

Na norma-padrão da língua portuguesa, existem regras que determinam a posição dos pronomes, como: nunca se inicia um período com pronome oblíquo. Nesses casos, a **ênclise** é recomendada. Por exemplo: “Ocupava-se dia e noite com os estudos para entrar na faculdade de Direito”.

212

Não escreva no livro.

Fonte: NOGUEIRA; MARCHETTI; CLETO, (2018.p.252).

A subseção Língua e Estudo da Colocação Pronominal apresenta uma lista curta de exercícios que buscam explicitar o conteúdo para o aluno, é possível observar que estes enfatizam a análise linguística, no item da imagem 3. O trecho a seguir, faz

parte do assunto de colocação pronominal, estando presente na primeira questão da atividade apresentada. Sendo explicado em NOGUEIRA; MARCHETTI; CLETO, (2018.p.252).

“Art 20 sempre que tiver informações de contato do usuário diretamente responsável pelo conteúdo e que se refere o artigo 1º. Caberá ao provedor de aplicações de internet comunica-lhes fundamentada em contrário” os motivos e informações relativas à indisponibilidade de conteúdo que permitem o contraditório e a ampla defesa em juízo salve expressa previsão legal ou expressa determinação judicial”.

No trecho a utilização do pronome "se" está conforme a gramática normativa, ou seja, em posição de próclise; por sua vez "lhe" está em posição de ênclise porque o verbo está no infinitivo pessoa. Observa-se que neste exemplo, não houve variação sintática porque se trata de um exemplo de texto mais formal e portanto exige uma linguagem formal. Desta o que o professor pode fazer é explicar ao aluno, que a gramática é um campo de possibilidades, quando refere-se a atividades linguísticas, neste exemplo o professor pode fazer a substituição destes pronomes e tornar a atividade uma atividade de variação sintática.

A análise a seguir, parte da Unidade seis intitulada “Artigo de Opinião e Lei”, capítulo 2º com o título “Palavras que viram lei” no subitem “Língua e estudo: As regências verbal e nominal na fala”, na página 215. O objetivo traçado no item é falar sobre a regência na fala.

Imagem4: A língua na real

A LÍNGUA NA REAL

AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL NA FALA

- Leia este trecho de notícia e responda às questões.

[...] Primeiro mesatenista brasileiro a chegar nas quartas de final das Olimpíadas, o carioca Hugo Calderano, 25, não resistiu ao alemão Dimitrij Ovtcharov, 32, e foi eliminado do torneio de simples na manhã desta quarta-feira (28). [...].

O carioca vive ótima fase e, em entrevista após a partida, afirmou que o sonho pela medalha ainda está vivo.

“Tenho certeza que vou continuar evoluindo e voltar aos Jogos ainda melhor”, falou Calderano. “Eu tenho muitos anos pela frente, outras Olimpíadas também, e vou dar o meu máximo sempre.”

Carlos Petrucio. Hugo Calderano dá adeus aos Jogos, mas diz que voltará melhor em 2024. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 jul. 2021. Folha mais Tóquio 2020, p. 4.
- Exuberante, Botucatu quer ser estância turística

[...] A riqueza natural local explica o interesse que a cidade vem despertando em turistas. A região de Botucatu possui 80 cachoeiras, Mata Atlântica, cerrado, diversas trilhas e a Cuesta, uma formação de relevo que pode chegar a até mil metros de altura. [...]

“A região que estamos hoje não era conhecida pelo ecoturismo. Não tinha nada. O voo livre foi uma das primeiras engrenagens para o turismo ecológico de Botucatu. As pessoas iam para ver os voos e acabavam descobrindo as trilhas, os raios e o mirante para assistir o sol nascer atrás da Cuesta”, conta Edson Caetano, proprietário da escola de voo livre [...].

Alexandre Putti. Exuberante, Botucatu quer ser estância turística. Folha de S.Paulo, São Paulo, 30 set. 2021. Turismo, p. C8.

1. a) Embora o texto notícia que o atleta foi eliminado das Olimpíadas, o fato de Calderano ser o primeiro mesatenista brasileiro a ter disputado as quartas de final nessa competição indica que ele teve uma situação inédita e consistente durante os jogos e, provavelmente, em torneios anteriores às Olimpíadas.

1. b) Significa dedicar-se de forma intensa e constante em relação ao esporte.

1. c) Na fala do atleta, esse uso não ocorre, sendo a palavra certeza conectada diretamente ao termo que.

1. d) Resposta pessoal.

2. a) Nesse trecho, são tratadas as descobertas relacionadas ao ecoturismo na região da cidade de Botucatu, localizada no estado de São Paulo.

2. b) “As pessoas iam para ver os voos e acabavam descobrindo as trilhas, os raios e o mirante para assistir o sol nascer atrás da Cuesta.”

2. c) “Assistir o sol nascer.”

2. d) Na norma-padrão, teria de ser usada a preposição a (assistir ao sol nascer).

2. e) Essa regência foi usada em um contexto de fala, que, em uma situação mais espontânea, pode não seguir as regras gramaticais. Além disso, a fala foi publicada em uma notícia que trata de assuntos relacionados ao lazer e turismo, com um tom de proximidade com o leitor. Logo, é possível manter um registro mais informal.

NÃO REFORCE PRECONCEITOS

É comum, no uso cotidiano da língua, os falantes não usarem construções que sigam as regras de regência da norma-padrão. Muitas vezes, em determinados contextos sociais, esses usos são desvalorizados, o que gera preconceito.

Fonte: NOGUEIRA; MARCHETTI; CLETO, (2018.p.215).

O trecho a seguir, faz parte do assunto de regências nominais e verbais, apresentados na imagem 4 e estando presente na primeira questão da atividade apresentada:

[...] Primeiro mesatenista brasileiro a chegar nas quartas de final das Olimpíadas, o carioca Hugo Calderano, 25, não resistiu ao alemão Dimitrij Ovtcharov, 32, e foi eliminado do torneio de simples na manhã desta quarta-feira (28). [...]. O carioca vive ótima fase e, em entrevista após a partida, afirmou que o sonho pela medalha ainda está vivo. “Tenho certeza que vou continuar evoluindo e voltar aos Jogos ainda melhor”, falou Calderano. “Eu tenho muitos anos pela frente, outras Olimpíadas também, e vou dar o meu máximo sempre. MARCHETTI; CLETO, (2018.p.215).”

Observa-se na imagem que a autora aborda o tema regência verbal e nominal e traz uma entrevista para apresentar o assunto. Nas questões, especificamente na letra "c", essa questão é explícita uma vez que já indica que o substantivo certeza exige preposição, mas que na fala do atleta ele não utiliza. Em seguida, na letra "e" pergunta se a fala do mesatenista se adequa a situação comunicativa. Isso mostra a preocupação em apresentar as variações na utilização da língua, deixando evidente que em um contexto, a presença da preposição é necessária para estar adequado, mas em outros o que interesse são os propósitos comunicativos, isto é, se os interlocutores conseguem compreender a mensagem, além disso, embora se trate de uma entrevista, no exemplo, não há a necessidade de seguir a norma padrão da língua. Neste contexto, o professor utilizará a atividade como uma forma de explicar como as variações estão presentes na gramática especificando os conteúdos de regência nominal e verbal.

A análise a seguir parte da Unidade sete intitulada “Resenha Crítica”, capítulo 1º com o título “A propagação de uma ideia” no subitem “A formação de palavras e os novos sentidos” (página 237). O objetivo traçado no item é ensinar em torno da escrita da resenha crítica onde o estudante é estimulado a utilizar a linguagem verbal para se expressar.

Imagem 5: Agora é com você

A LÍNGUA NA REAL

A FORMAÇÃO DE PALAVRAS E OS NOVOS SENTIDOS

1. Leia este trecho de uma coluna de jornal:

A autoestima precisa estar sustentada em si próprio, se ela depender, por exemplo, de uma relação amorosa ou um cargo na empresa, no momento em que a pessoa perde uma dessas coisas há muito sofrimento. Se num relacionamento o meu parceiro decide romper comigo, ele não está retirando o meu amor, minha autoestima ou meus sonhos, e o mesmo vale para o inverso. Posso ficar triste por um tempo e posso ganhar ao saber que ele não me amava, que essa relação não daria certo e que posso viver aberta para outro relacionamento. [...]

Heloisa Capelas. Cinco passos para recuperar a autoestima. *Diário da Manhã*, 20 mar. 2015. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniaao/2015/03/cinco-passos-para-recuperar-a-autoestima/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

a) Sabendo que *estima* significa "sentimento de carinho ou de apreço por alguém", o que quer dizer *autoestima*?
b) Qual é o sentido do radical *auto* nessa palavra?

2. Que morfemas formam a palavra *automóvel*? Qual é o sentido deles?

3. Qual é o significado de *auto* nas palavras *autoestrada*, *autopeças* e *autoescola*?

4. Leia este trecho de notícia:

1. a) Quer dizer "carinho ou apreço por si mesmo".
1. b) Por si mesmo, de si mesmo.
2. *Auto*: por si mesmo; *móvel*: que pode se mover.
3. Remete à palavra *automóvel*, perdendo seu

Fonte: NOGUEIRA; MARCHETTI; CLETO, (2018.p.237).

A análise em torno da variação sintática no exemplo da imagem 5, na questão de número 1, acontecer através do processo de formação de palavras refere-se às mudanças na estrutura sintática de uma palavra em relação ao seu radical (a parte central e invariável da palavra) e aos seus afixos (prefixos, sufixos, infixos, etc.), vale ressaltar que o objetivo da atividade está direcionada aos processos de formação de palavras. Contudo o professor, pode aproveitar os enormes expoentes para explicar para os alunos que a criação de novas palavras, assim como a variação na estrutura das existentes, é um reflexo desse processo dinâmico e acontecerá de formas diferentes neste texto da imagem 5, a exemplo da palavra “estima” no início do texto da primeira questão de letra “a”, logo este tipo de variação reflete mudanças sociais, avanços tecnológicos, influências culturais e a necessidade de expressar conceitos específicos.

Logo a variação sintática nos gêneros textuais é uma demonstração da flexibilidade da língua em se adaptar a diferentes contextos e propósitos de comunicação. Cada gênero textual possui suas próprias convenções sintáticas que servem para alcançar seus objetivos específicos, seja contar uma história, informar, persuadir ou expressar emoções de maneira artística.

O livro didático *Geração Alpha Língua Portuguesa: ensino fundamental - anos finais* (NOGUEIRA; MARCHETTI; CLETO, 2018). É direcionado para os anos finais do ensino fundamental, foi uma das obras aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) devido ao seu atendimento às diversas exigências do Ministério da

Educação (MEC), incluindo aquelas relacionadas às necessidades e orientações estabelecidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O Guia de análise avaliou essa coleção como contextualizada, uma vez que ela adota uma abordagem que utiliza textos dinâmicos para explorar questões sociais relevantes. Ela também promove a interação entre o estudante, sua família, a escola, o mercado de trabalho e a mídia, enfatizando a comunicação como uma ferramenta importante. Neste livro os textos e as listas de exercício ajudam a estimular o aluno através das práticas metalinguísticas que contribuem com a formação do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, é síntese de uma pesquisa bibliográfica em torno do estudo da variação sintática no livro de língua portuguesa neste estudo analisou-se as atividades relacionadas aos conteúdos linguístico-gramaticais, presentes no Livro Didático (LD), se davam via análise da variação sintática.

Para chegarmos aos resultados, esta pesquisa aportou-se no que já foi produzido por autores em relação as discussões e partimos a análise do livro, onde constatou-se que embora ainda haja conteúdos sistematizados que não estimulam o desenvolvimento crítico do aluno, pois, a maioria dos conteúdos do livro didático dialoga muito com a análise linguística e desta forma com a análise da variação sintática com o ensino reflexivo de gramática.

Portanto, chegamos a conclusão de que o livro didático utilizado atualmente ele comporta um grande avanço nos conteúdos

Linguístico-gramaticais presentes em ambos os livros analisados, visto que, os livros do manual do professor acompanham as bases necessárias para este ensino propostos pela Base Nacional Comum Curricular, visando que o material didático no ensino de gramática, na prática de ensino da língua deve ocorrer a partir de atividades reflexivas. Em outras palavras, o ensino da língua, segundo os Documentos Oficiais do ensino, deve se dar por meio da Análise Linguística.

Acreditamos que esta pesquisa venha a contribuir como aporte a futuros pesquisadores a trabalhar com o livro, sabendo que lacunas ainda precisam ser preenchidas para uma efetiva utilização do livro didático em sala de aula, quando tratamos da análise da variação sintática, desta forma É importante o professor estar atento à abordagem das questões linguístico-gramaticais pelos LDs, pois percebemos

que as sugestões da Linguística Aplicada e dos Documentos Oficiais da educação sobre a abordagem crítica do conhecimento do aluno.

REFERÊNCIAS

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: contexto, 2011, p. 113 - 126.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M; MAY, G.H.; SOUZA, C.M.N; **Sociolinguística**. Florianópolis, 2012.

GONZALEZ, C. A. **Norma e variação nos livros didáticos de língua portuguesa e literatura aprovados pelo programa nacional do livro para o ensino médio de 2009**. 2013.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, M.K.M.; VASCONCELOS, S. T. de. Variação linguística e preconceito linguístico: análise de estudos sobre estes fenômenos no ambiente escolar do ensino médio. Trabalho Final de Graduação, 2012. Disponível em:

NEVES, M.H.M. **A Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

NOGUEIRA, E.; MARCHETTI G.; CLETO, M. L. Geração alpha **língua portuguesa: anos finais**, 9º ano. São Paulo: Edições SM, 2018.

OLIVEIRA, T. A. e ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo linguagens: língua portuguesa**, 9º ano. Ed. 5ª – Barueri – SP: IBEP, 2018.

OLIVEIRA, T.S de. **A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral**. Revista em Letras, v. 19, n. 25, p. 01-18, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: 15 de maio, 2023.

RICARDO-BORTONI, S.M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: contexto, 2014.

SAUSSURE, F de. **Curso de linguística geral**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papirus, 2001.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Trad. de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].